CADERNO DE PUBLICAÇÕES UNIVAG Centro Universitário

ISSN: 1678-0655 n° 6

Sobre Instinto – Nietzsche e Freud

Polyana C. Olini[1]
Kreyssia Nara C. Leite [2]

Resumo: Este trabalho tem por objetivo avaliar e compreender a construção do conceito *trieb* e sua lógica de funcionamento nas construções teóricas de Nietzsche e Freud. Partindo de dois conceitos, que embora sejam semelhantes, se circunscrevem em teorias diferentes e sem ligações ascendentes. Essa homonímia literal, da língua alemã, entre os termos é entendida neste trabalho como sendo fundamental em Nietzsche e Freud, devido às consideráveis ocorrências desses conceitos nas obras desses autores.

Palavras-chave: instinto; Nietzsche; psicanálise.

Abstract: This article seeks evaluating and understanding the conceptual construction of *trieb* and its logic operating according to Freud and Nietzsche. Although similar, those two concepts are confined in different theories and without connection. These literally homonymies, of the German language, are understood in this work as being essential in Nietzsche and Freud, because of significant occurrences of these concepts in these authors.

Keywords: instinct, Nietzsche, psychoanalysis.

1 Aluna de mestrado do programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT.
2 Bolsista de Iniciação Científica da UFMT.

ISSN: 1678-0655 n° 6

> Quem, entre os filósofos, foi antes de mim *psicólogo,* e não o seu oposto, "superior embusteiro", "idealista"? Antes de mim não havia absolutamente psicologia.
>
> *Nietzsche*[3]

> Acabo exatamente de pegar as obras de Nietzsche onde encontrarei, espero, palavras para muitas coisas que permanecem mudas em mim, mas ainda não abri o livro...
>
> *Freud* [4]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Temos gosto por epígrafes. Mesmo prestando serviço ao assunto a ser tratado nos textos, elas não precisam ser explicadas ou comentadas, nem mesmo suas referências são duras e impessoais como de costume. Aí está seu encanto. Porém, as citações epigrafadas acima são presentes. Aos estudiosos e aos curiosos. Nietzsche se anuncia como psicólogo. Mais que isso: como o primeiro psicólogo. E Freud nos dá indícios de certa admiração por Nietzsche.

Nietzsche via em si e em sua filosofia uma fonte para muitos psicólogos. Nessa seção de *Ecce Homo,* anuncia sua psicologia, que não faz de forma alguma oposição a seu projeto filosófico. Assim, entende-se como psicologia nietzschiana a feita para espíritos livres. Sem comprometimento com a ordem metafísica e a moral a que a disciplina era ligada em sua época. Por esse motivo, Walter Kaufmann também o concebe como psicólogo. Para o americano, Nietzsche

3 NIETZSCHE, *Ecce Homo – Porque sou um destino, §6.*

4 Carta de Freud a Fliess, datada de fevereiro de 1900.

ISSN: 1678-0655 n° 6

> estava mais preocupado com o indivíduo e suas tentativas de autorrealização. Ele se destacou em seus apurados estudos sobre os estados da mente do indivíduo, tais como *ressentimento* e atitude ascética (GM) – E alguém pode generalizar que Nietzsche tinha, diferente de Hegel, mais de psicólogo que de historiador. (KAUFMANN, 1964, p. 242-243, tradução das autoras).

Enfatiza Daniel Halévy (1989) que Nietzsche leu Dostoiévski e adorou a psicologia com que o autor presenteia os personagens. A história contada pelo biógrafo pode ser comprovada, nesta seção: "Dostoiévski, o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual tive algo a aprender: ele está entre os mais belos golpes de sorte de minha vida [...]" (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, § 45). Diante de tal inspiração de Nietzsche, podemos entender certa precessão do ofício de psicólogo a Dostoiévski, em *Crepúsculo dos ídolos.*[5]

A carta de Freud a seu amigo íntimo Fliess, um otorrinolaringologista, narra sobre, quando ainda estudante, pagou caro as obras completas de Nietzsche, no mesmo ano da morte do filósofo. Logo acrescentou ao relato da compra que estaria preguiçoso demais para abri-los. Nesta preguiça estaria revelada a resistência de Freud para procurar, na obra de Nietzsche, palavras que seriam para ele impossíveis de dizer. Segundo o biógrafo de Freud, Peter Gay, o jovem médico preferia os clássicos de filosofia da época ao extemporâneo. Essa atitude se caracterizou como uma manobra defensiva. Para Peter Gay, Freud tinha receio de recorrer às percepções explosivas de Nietzsche na hora da análise clínica. Em outra carta, Freud escreve sobre o movimento de afastamento da obras de Nietzsche: "deixei de lado o estudo de Nietzsche, embora – ou melhor, porque – estivesse claro que eu encontraria nele percepções muito semelhantes às psicanalíticas" (Carta de Freuda Lothar Bickel, datada de junho de 1931).

No decorrer de sua carreira, Freud tem contato com algumas passagens de Nietzsche e, apesar de costumar citá-las, não demonstra que esse contato tenha sido direto, mas sim através de um de seus pacientes pre-

5 A propósito do que parece ser uma contradição nos escritos de Nietzsche, Osvaldo Giacóia faz uma interessante reflexão (em *Nietzsche psicólogo*. Editora UNISINOS. 2001. Coleção focus, vol. 6).

diletos.[6] A paixão por duas mulheres de personalidade era uma afinidade com Nietzsche. A primeira era fictícia, porém não menos encantadora, *Carmem* de Biset; a segunda, a jovem e sedutora Lou Andreas-Salomé. Ressalta o fato de que "Freud tratava os escritos de Nietzsche muito mais a se combater do que estudar" (GAY, 1989, p. 58). Esse texto discute a propósito de dois conceitos que, embora semelhantes, se circunscrevem em teorias diferentes e sem ligações ascendentes.

Não se pode negar que, antecipando de forma assustadora os preceitos freudianos, Nietzsche desenvolverá a teoria do ressentimento. Assim, se em Freud a restrição aos impulsos produzirá sentimento de culpa, em Nietzsche o sentimento provocado pela negação dos instintos naturais do homem gera *ressentimento*.

Impulsos, instintos e até mesmo *pulsão* são termos traduzidos do alemão *trieb ou instinkt.* Essa homonímia literal, da língua alemã, entre os termos é entendida neste trabalho como fundamental em Nietzsche e Freud, devido à notável frequência das ocorrências desses conceitos em suas obras. Todavia, será também mencionada nas seções seguintes deste artigo a importante opção de Freud por distinguir *trieb* de *intinkit*na psicanálise, enquanto Nietzsche faz uso das duas palavras para o mesmo conceito.

Instintos são, para Nietzsche, em linhas gerais, as forças que querem atuar no corpo. Tal definição faz do termo causa para torná-lo central na obra do filósofo, pois "o conceito de força é por natureza *vitorioso*" (DELEUZE, 1987, p. 78). A ligação para o paralelo com Freud, proposto neste trabalho, está na atribuição de *instinto* ou *pulsão*, papel fundador na psicanálise.

Essa comunicação tem por objetivo avaliar e compreender a construção do conceito *trieb* e sua lógica de funcionamento, de acordo com as construções teóricas de Nietzsche e Freud. Orientadas por Paul-Laurent Assoun, optamos por elucidar o regime conceitual do termo nos respec-

6 "O homem dos ratos" citava, por exemplo: " 'Fiz isso', diz minha memória. 'Eu não posso ter feito isso', diz meu orgulho, e permanece inflexível. Por fim - a memória cede". (NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro, § 68).

ISSN: 1678-0655 n° 6

tivos autores, discutindo como estes operam com *trieb* em suas teorias. Ressalvando que, "na verdade, é em seu devir que o conceito se constrói como ferramenta teórica: portanto é aí que temos mais chances de apreender seu sentido" (ASSOUN, 1991, p. 94).

TRIEB EM NIETZSCHE

O conceito atravessa toda a produção de Nietzsche. O uso ora de um termo, ora de outro, nem sempre produz grandes diferenças nas interpretações. Isso porque, segundo Monteiro[7]: "as opções vocabulares de Nietzsche respondem a duas intenções: ao rigor vernacular e à estética sonora; é como se Nietzsche tivesse que traduzir ideias precisas com sonoridade agradável. Isso funciona como seu estilo" (MONTEIRO, 2004, § 1, mimeo).

No dizer de Monteiro, buscando interpretar o mundo à luz de Nietzsche:

> O mundo é cognoscível na medida em que os impulsos tentam absorvê-lo, resultando em interpretações, inumeráveis perspectivas. No lugar do intérprete – algo como um sujeito mobilizando sua racionalidade para apreender o mundo –, Nietzsche assevera serem as nossas necessidades *que interpretam o mundo*, alojadas nos nossos *impulsos*, que lutam para impor sua perspectiva como norma sobre todos os demais impulsos, numa espécie de tirania. (MONTEIRO, 2004, p. 42).

O conceito de *forças* é plural, pois se relaciona com outra força. De acordo com Deleuze, quando é sob essa relação que "a força chama-se uma vontade. A vontade (vontade de poder) é o elemento diferencial da força" (DELEUZE, 1987, p. 13).

7 MONTEIRO, Silas. *Instintos além de bem e mal*, 2004 (Conferência. Laço Analítico. Escola de Psicanálise).

ISSN: 1678-0655 n° 6

Os homens construíram a história como se existissem fenômenos morais. Nietzsche nos adverte de que o que existe são as *interpretações morais dos fenômenos*. Ao interpretar, o homem necessariamente estabelece um valor, que é dado por sua perspectiva. Perspectiva avaliadora nobre e perspectiva avaliadora ressentida.

Os instintos se inscrevem para além da regulação moral cristã de bem e mal. No Ecce Homo, é possível perceber que, ao condenar a falsa virtude expressa pela moral *ressentida,* Nietzsche toma partido dos *impulsos* e afirma: "eles aqui trabalham a serviço do *amor de si*, do *cultivo de si*". Continua a exaltar tais *impulsos*:

> Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como *alguém se torna o que é.* E com isso toco na obra máxima de preservação de si mesmo – do *amor de si...* Pois admito que a tarefa, a destinação, o *destino* da tarefa ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haverá maior do que perceber-se *com* essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente *o que é*. (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, Porque sou tão esperto, §9).

Nietzsche ressalta a "arte de seus instintos" quanto à tarefa da *transvaloração dos valores,* assim como na tarefa de *tornar-se o que se é: "*Sua *tutela suprema* revelou-se de tal maneira forte, que não pressenti sequer o que em mim crescia que todas as minhas capacidades *brotavam* um dia subitamente maduras e em sua perfeição última" (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, Porque sou tão esperto, §9). Neste parágrafo, conta como, sem suspeitar de nada, ele foi se *tornando o que era.* Em *Para além de bem e mal*, escreve a esse respeito:

> Depois de por muito tempo ler nos gestos e nas entrelinhas dos filósofos, disse a mim mesmo: a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico; (...) Assim como o ato de nascer não conta no processo e progresso geral da hereditariedade, também "estar consciente" não se *opõe* de algum modo decisivo ao que é instintivo - em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos

CADERNO DE PUBLICAÇÕES UNIVAG Centro Universitário
ISSN: 1678-0655 n° 6

> existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida. (NIETZSCHE, *Além de bem e mal- prelúdio de uma filosofia do porvir*, § 3).

Nietzsche discorre sobre temas clássicos do pensamento ocidental. É importante lembrar que o filósofo pretende apresentar tais temas, querendo diferenciá-los, de certa forma, já que os importa de outro solo conceitual: o metafísico. Monteiro explica:

> [...] a *não-oposição* entre ações conscientes e instintivas (que podem sugerir um tipo de naturalidade inata à condição animal, pois se fala que animais, para suas ações, valem-se dos instintos). O contrário da tradição platônica, logo metafísica; em Nietzsche os instintos operam o sentido da racionalidade, por condição fisiológica, por exigência da preservação da espécie. (MONTEIRO, 2004, § 1, mimeo).

Para isso, seria de extrema importância a estima por si próprio, o *amor de si*. O homem, diante de tal tarefa: "como alguém se torna o que é", deveria deixar-se guiar apenas pelas paixões autoafirmativas, que são as maiores fontes de *força*, tais como o orgulho, a saúde, o instinto sexual, a hostilidade, a agressividade.

A *vontade de potência* age sobre os homens como uma força acumulada que precisa ser desprendida, mas que, para isso, precisa encontrar algum tipo de resistência para se efetivar. As paixões afirmativas buscam declarar-se contra as coisas, atacá-las com crueldade.

Variados instintos por vezes dominam, por vezes são submissos aos demais. No decorrer de durações passageiras. Consequentemente, vão exercer perspectivas e interpretações como meios de se tornarem determinantes ou "impositores" de determinada vontade. Nesse sentido: "Nossos instintos são redutíveis à *vontade de potência*. A vontade de potência é o factum último em que conseguimos nos aprofundar" (NIETZSCHE, *Fragmento póstumo*, 40 [61] Agosto-setembro 1885) *Tornar-se o que se é* para Nietzsche é permitir que esses instintos atinjam seu máximo de potência.

Contudo, a doutrina da *vontade de potência* é um constante vir a ser. Fizesse suas escolhas, ela não consiste em um caso especial do querer.

ISSN: 1678-0655 n° 6

"Todo querer é, segundo Nietzsche, querer-algo. Esse algo posto, essencial em todo querer é: poder" (MULLER-LAUTER, 1997, p. 54).

Há uma autonomia inevitável, tão necessária quanto o *eterno retorno* em que cada sujeito *luta* pela sua autoafirmação. O *impulso* é animado por uma *vontade de potência.* A luta interna dos *impulsos* representa a pluralidade de seres em si mesmos. A ação de um *impulso* sobre o outro pode ser influenciada pelo intelecto. Em Aurora, Nietzsche apresenta o intelecto como um tipo de instinto que pode tomar partido nessa luta e, portanto, "dominar os *impulsos"*. Para isso, encontra seis métodos diferentes para lidar com os *impulsos*:

> [...] evitar as ocasiões, implantar regularidades no impulso, produzir saciedade e nojo dele, estabelecer associação com um pensamento doloroso (como o da vergonha, das consequências ruins, do orgulho ofendido), o deslocamento de energias e, enfim, o enfraquecimento e deslocamento geral. (NIETZSCHE, *Aurora – pensamentos sobre os preconceitos morais*, § 109).

Porém, o filósofo nos alerta de que o ato de querer combater o ímpeto de um *impulso* não está em nosso poder, assim como o sucesso de um desses métodos também não. O que chamamos de intelecto, antes de tudo, algo do domínio dos *impulsos* concorrentes do que nos aflige veementemente e, por isso, tentamos dominá-lo. Assim, para Nietzsche "nosso intelecto, nossa vontade, bem como nossas sensações dependem de nossos *critérios de valorização*: esses correspondem aos nossos instintos e às suas condições de existência" (NIETZSCHE, *Fragmento póstumo*, 40 [61] Agosto-setembro 1885). Nesse sentido, o valor não é inerente, mas sim construído e, quem sabe, talvez adestrado. A consequência da luta intensa entre os *instintos* se manifesta em nossas estimativas de valor.

Os *instintos* se digladiam permanentemente. O triunfo de um *instinto* é a imposição de um sintoma. O sintoma na filosofia nietzschiana se traduz por uma "expressão de sucessos ou fracassos fisiológicos enquanto resultantes das lutas que interagindo ao mesmo tempo, compõem o organismo e impõem sua interpretação, sua perspectiva" (AZEREDO, 2002, p. 79).Dessa forma, os instintos atribuem valor e empregam suas próprias perspectivas.

ISSN: 1678-0655 n° 6

Ainda sobre a atuação dos *instintos* e a possível interferência do intelecto, Nietzsche examina:

> Enquanto "nós" acreditamos nos queixar da impetuosidade de um impulso, é, no fundo, um impulso *que se queixa de outro;* isto é: a percepção do sofrimento com tal impetuosidade pressupõe que haja um outro impulso tão ou mais impetuoso, e que seja iminente uma *luta,* na qual nosso intelecto precisa tomar partido. (NIETZSCHE, *Aurora – pensamentos sobre os preconceitos morais*, § 109).

Nossos *instintos* são expressão de nossas necessidades. Estão lutando constantemente para impor sua perspectiva, constituir os "valores instintuais", isto é, compreendem um processo orgânico. Para Nietzsche, esses "valores instintuais" são aquilo que chamamos de racionalidade, já que esta é sempre uma imposição de perspectiva. O *ser o que se é,* máxima da psicologia nietzschiana, necessita de uma hierarquia de *instintos,* isto é, as condições que permitam o crescimento de determinados instintos devem ser empregadas. A hierarquia de impulsos que não puder crescer deve ser deixada para a decadência derradeira.

TRIEB EM FREUD

Partindo da teoria freudiana, o conceito de *trieb* representa um marco central em torno da produção do Freud dos períodos de 1905 a 1920. Quando Freud usa a palavra *instinkt,* estabelece comparações de fenômenos que podem ser observados no mundo animal, fazendo referência a formações mentais herdadas. Aí está a grande diferenciação entre *trieb* e *instinkt,* para Freud. O que Freud tem a intenção de dizer com essa diferenciação é que não há dúvidas sobre a existência do que chamou de *trieb* em todos os humanos,

> ao passo que *trieb* é definido por Freud como uma fonte endossomática e "continuamente fluente de estimulação" e é considerado "uma medida da demanda de trabalho imposta à mente", com a "finalidade imediata de...

> remoção desse estímulo orgânico"; um *instinkt,* na acepção de Freud, não parece ter as qualidades de uma estimulação interna contínua, de imposição feita à mente, e seus objetivos parecem residir mais na autopreservação do que na remoção de um estímulo orgânico. (MEZAN, 2006, p. 126-127).

Segundo Mezam, o conceito nos moldes freudianos é novo, pois não poderia ser reduzido à mera elaboração de elementos anteriores. O autor insere a necessidade de diferenciar e de isolar do conceito a questão instintiva, que, segundo ele, é uma questão meramente animalesca, representante do imediatismo, daí a preferência pela tradução do *triebe* para impulso ou pulsão, o que se enquadraria no mecanismo psíquico que o autor propõe à teoria psicanalítica.

Freud define o *impulso* como um conceito: o representante psíquico dos estímulos que se originam no interior do corpo. Do ponto de vista fisiológico, os *impulsos* são fragmentos de atividade (*stuckaktivitat*), uma exigência de trabalho, uma força constante, que impele a atividade: sua meta é sempre satisfação, sua fonte é o organismo.

Durante sua produção, Freud esclarece, em seus escritos técnicos: "a dificuldade diante do funcionamento psíquico do indivíduo é lidar com esta força implacável e constitucional, que se expõe à necessidade adaptativa do organismo" (FREUD, 1943, p. 12), ou seja, a força implacável faz menção à pulsão/impulso que, segundo Fonseca, "é uma questão crucial para quem se debruça na teoria da psicanálise. É a questão Freudiana por excelência: o conceito mais importante da psicanálise é, ao mesmo tempo, o mais obscuro" (FONSECA, 2003, p. 23).Em uma das notas, o tradutor das obras completas de Freud, para o espanhol, concorda dizendo que a *teoria dos instintos* é a parte mais importante da teoria psicanalítica e também a mais incompleta.

Recorrendo à teoria dualista de Freud sobre as pulsões/ impulsos:

> Ora, os impulsos [*Triebe*], nos quais acreditamos, dividem-se em dois grupos – os *impulsos* eróticos, que buscam combinar cada vez mais substância viva em unidades cada vez maiores, e os *impulsos* de morte, que se opõem a essa tendência e levam o que está vivo de volta a um estado inorgânico. Da

ISSN: 1678-0655 n° 6

> ação concorrente e antagônica desses dois procedem os fenômenos da vida que chegam ao fim com a morte. (FREUD, 1943, p. 12).

Não é possível estabelecer entre os *impulsos* a menor relação de dedução ou de gênese.

A atuação das pulsões é circunscrita pelo psiquiatra a partir de uma metáfora da erupção (*schub*) de lava, que se associa a outra metáfora que caracteriza o inconsciente humano como o interior da terra "um caldeirão de excitações em ebulição". A consciência corresponderia à superfície do planeta inundada constantemente pelos representantes psíquicos dos *impulsos*, assim como Pompéia foi tomada pela lava do Vesúvio. Com a diferença de que a "Pompéia" dos *impulsos* é recoberta pela lava não apenas uma vez, mas repetidamente. Para a psicanálise, os problemas do corpo e da pulsão/impulso são representantes do desejo diretamente ligados ao organismo. Como explica Freud:

> Por <instinto> provisoriamente não entendo mais do que uma representação, uma fonte de excitação psíquica, ou de execução contínua endossomática, em contraste com um <estímulo>, o qual é estabelecido por excitações vindas do exterior. Instinto é, portanto, um dos conceitos que se localiza na fronteira entre o psíquico e o físico. (FREUD, 1981, p. 1191, tradução das autoras).

E a partir da lógica de funcionamento destes impulsos, Freud propõe uma "ética do impulso", pois o problema do sofrimento psíquico e o desamparo giram em torno do debate da afirmação (pulsão de vida ou pulsão libidinal) e negação do desejo de vida (pulsão de morte, impulsos destrutivos ou agressivos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se clara divergência de pressupostos, assim como a necessidade de consciência do fato para o estudo de ambas as teorias.

ISSN: 1678-0655 n° 6

Arriscamos promover, como única semelhança, a certeza de que, tanto para Nietzsche como para Freud, o *instinto/pulsão* são forças constitutivas e da natureza de todos os humanos. Mas a semelhança se torna diferença quando se trata de forças: o *instinto* nietzschiano é virtude criadora e afirmativa que interpretativa; já a *pulsão* freudiana não diz respeito a valores, mas sim a uma "função energética",[8] uma exigência que pode ser afirmativa ou negativa.

O conflito está entre a exigência de satisfação do *instinto* e a necessidade de compromisso com a realidade. Em Freud, como em Nietzsche, o conceito possui conotação de valore função. O tratamento psicanalítico não pretende eliminar os *instintos,* pois, para Freud, isto seria impossível nem mesmo desejável, mas a intenção é diminuir a intensidade de suas exigências.

O resultado disso, segundo Eduardo Fonseca, em *Psiquismo e vida: o conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer, Nietzsche* é se o mundo orgânico natural é valorizado nesses autores e está na base dos fenômenos do impulso, este não pode ser explicado a partir do instinto. No idioma alemão, apesar da extensa variedade de usos do termo *trieb,* que contempla inclusive características do *instinkt,* entende-se que a amplitude de usos caracteriza seu valor cultural ligado ao desejo e à atividade civilizatória, que caracteriza o psiquismo humano por sua vontade de (autoimposição para Freud e vontade de potência para Nietzsche) ao conjunto da diferenciação que resulta no indivíduo peculiar.

Dessa forma de pensar resulta a noção de variação de características que será importante no conjunto dessas duas filosofias e também na caracterização dos conceitos da psicanálise de Freud, bem assim na psicologia nietzschiana.

Sendo assim, a noção de *instinto* possui uma história, e não é de modo algum território exclusivo à psicanálise. Este deslocamento repercute no trabalho genealógico de Nietzsche, que busca as origens das realidades que surgem para o psiquismo como conceitos. E, naturalmente, leva água também ao moinho da teoria psicanalítica.

8 Para Paul-Laurent Assoun o instinto freudiano se assemelha a uma espécie de secreção energética.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e Nietzsche:* semelhanças e dessemelhanças. Trad. Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Brasiliense, 2. ed. 1991.

AZEREDO, Vânia D. A interpretação em Nietzsche: perspectivas instintuais. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 12. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. António M. Magalhães. Portugal: Rés.

FONSECA, E. R. da. Corpo e mundo em Schopenhauer e Freud. Curitiba: Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia da UFPR, 2003.

FREUD. Tres ensayos para una teoria sexual. In: *Obras completas.* Tomo II (1905-1915 [1917]). Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *Escritos técnicos:* Volume XII (1911-1913).Trad. de Alix e James Strachey.) 1943.

_____. *Duas histórias clínicas (o pequeno Hans e o homem dos ratos):* Volume 10 (1909) Trad. de Alix e James Strachey. 1925.

GAY, Peter. *Freud:* uma vida para nosso tempo. Trad. Denise Bottmanns. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIACÓIA JR., Osvaldo. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS. 2001. (Coleção Focus, vol. 6).

HALÉVY, Daniel. *Nietzsche*: uma biografia. Roberto C. de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche*: philosopher, psychologist, antchrist. New Jersey: Pinceton University, 1974.

MARTON, Scarlett Z. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MEZAN, Renato. *Uma introdução epistemológica à psicanálise.* São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Brasiliense, 1990

MONTEIRO, Silas B. *Quando a pedagogia forma professores: uma investigação otobiográfica*, 2004. 296 p. (Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo)

_____. *Instintos além de bem e mal*. Cuiabá, Conferência. Laço Analítico. Escola de Psicanálise, 2004 (Mimeo)

_____. *Antologia de textos de Nietzsche sobre vivências.* Mato Grosso: UFMT, 2009 (dissertação).

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche.* Trad. Osvaldo Giacóia Jr. São Paulo: Annablume, 1997.

NAGERA, Humberto (Org.). *Conceitos psicanalíticos básicos da teoria dos instintos.* Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix. 1970.

NIETZSCHE. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1. ed, 1974. (Coleção os Pensadores).

_____. *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Fragmentos póstumos (1885-1889).* Traducción de Luis E. de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Tecnos, vol. 4, 2007.